



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

O VÍNCULO DETERMINANTE ENTRE MEIO E PERSONAGEM EM *O CORTIÇO*.

Vitor Moreira Da Silva

RIO DE JANEIRO

2020

VITOR MOREIRA DA SILVA

O VÍNCULO DETERMINANTE ENTRE MEIO E PERSONAGEM EM *O CORTIÇO*.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado

RIO DE JANEIRO

2020

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

VITOR MOREIRA DA SILVA

113151358

O VÍNCULO DETERMINANTE ENTRE MEIO E PERSONAGEM EM *O CORTIÇO*.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Data de avaliação: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado - UFRJ

Presidente da Banca Examinadora

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Wagner Coriolano de Abreu - PUC-RS

Leitor Crítico

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinaturas dos avaliadores: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## APRESENTAÇÃO

Aluísio Azevedo é considerado um dos principais autores da literatura brasileira a traçar o perfil de uma sociedade que obteve mudanças nos campos social, econômico e cultural em meados do século XIX. Seu romance de corrente naturalista, *O cortiço*, tem como foco retratar, de forma direta e objetiva, as adversidades humanas e sociais. O autor trata, de forma minuciosa, a respeito do que se passa nesse ambiente conflituoso, além de demonstrar de maneira precisa como o homem age sobre o meio e vice-versa. Segundo Sodré (1995), *O cortiço* pinta o cenário urbano do final do século XIX e nele está perfeitamente fotografada a sociedade desse tempo, com suas mazelas e suas chagas. O autor desse livro não se propõe a solucionar os problemas sociais, mas sabe colocá-los em suas verdadeiras dimensões.

A partir dessas observações podemos evidenciar diversos temas em seu romance, com destaque para as questões sociais e étnico-raciais, que são expostas de modo bastante preciso, direcionando e conduzindo a narrativa. Além disso, outra curiosidade encontrada nessa obra é ver como os aspectos científicos influenciam a construção dos personagens; o homem é visto como simples produto da hereditariedade e do meio em que vive.

Nesse sentido, o presente trabalho visa o aprofundamento teórico-crítico das observações levantadas, tendo em vista a importância e complexidade da obra de Aluísio Azevedo. Para tal, analisaremos o comportamento dos personagens e suas transformações ao longo da narrativa, relacionando tais aspectos com as ideias deterministas de Hippolyte Adolphe Taine, bastante presentes no contexto de produção do romance. Além disso, também pretendemos esmiuçar outros aspectos levantados por meio da produção, a exemplo da exposição do trabalho escravista e do conceito de acúmulo de riquezas. Para tal, abordaremos alguns conceitos norteados por João Antônio Andreoni – mais conhecido como Antonil –, descritos em sua obra *Cultura e Opulência*, intentando, dessa forma, viabilizar uma leitura crítica acerca da obra abordada.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1 O DETERMINISMO DOS PERSONAGENS POR MEIO DA TEMÁTICA DOS TRÊS PÊS.....	07
2 A REPRESENTAÇÃO DOS NEGROS NA TRAMA.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

## INTRODUÇÃO

Na metade do século XIX surge o determinismo, tendo o filósofo e crítico literário Hippolyte Taine como um de seus expoentes. Ele contribuiu para a filosofia com um pensamento teórico segundo o qual se afirmava que o comportamento humano era determinado por três fatores: a raça, o meio e o momento histórico.

Aranha (2003) relata, de forma simples, cada um desses fatores expostos por Taine caracterizando-os em:

A raça, a grande força biológica dos caracteres hereditários determinantes do comportamento do indivíduo; O meio, que submete o indivíduo aos fatores geográficos (como o clima, por exemplo), bem como ao ambiente sociocultural e as ocupações cotidianas da vida; O momento, pelo qual o indivíduo é fruto da época em que vive e se subordina a determinada maneira de pensar característica do seu tempo. (ARANHA, 2003, p. 317)

A teoria determinista de Taine teve influência no século XIX, tornando-se uma importante participação no contexto científico nas áreas da física, química e biologia; sua teoria foi influenciada pelo evolucionismo de Charles Darwin e pelo positivismo do filósofo Auguste Comte; esta última foi uma corrente que buscava explicar o mundo social utilizando apenas critérios científicos e biológicos, não admitindo outras “verdades” ligadas ao contexto divino ou sobrenatural. A partir disso, o método de análise científica passou a ser adotado como o único a compreender a realidade humana.

Entretanto, no contexto cultural, a fundamentação da literatura Realista-Naturalista passou a ser aplicada em diversas obras, em especial a de seu criador e representante mais expressivo, Émile Édouard Charles Antoine Zola. Este que, em sua obra *Romance Experimental* (1982), passou a pôr em prática a teoria determinista de Taine, retratando em sua análise que o sujeito é influenciado pelo meio no qual está inserido, seja ele físico ou moral. Por isso, ele começa a expor personagens repletos de vícios e manias, uma vez que seu principal objetivo era apresentar a realidade de modo mais claro, revelando as mazelas humanas existentes pelo convívio social.

No Brasil, o determinismo de Taine teve enorme influência na **literatura naturalista** de Aluísio Azevedo, que procurou retratar, de modo detalhado, o homem e sua forma de vida na sociedade. Ele tentou exprimir em sua obra o cotidiano de pessoas comuns, repletas de defeitos e imperfeições, semelhantes às da vida real.

Em *O cortiço*, Azevedo descreve a vida dessas pessoas “defeituosas e imperfeitas” que viviam em uma habitação coletiva sofrendo diversos problemas, entre eles o preconceito

moral, étnico e econômico. Além disso, a obra é considerada inovadora para os críticos daquela época, pois aborda assuntos antes considerados impróprios, como vícios, sexualidade e adultério.

Ademais, também observamos de modo marcante a presença de outros temas significativos, como a visão a respeito do negro na sociedade brasileira, sobretudo se considerarmos o contexto recente de abolição, além das dinâmicas capitalistas cada vez mais presentes, visíveis nas tentativas individuais de ascensão dos personagens, na influência dos processos de industrialização e nas modificações da cidade e da sociedade.

A partir da apresentação desses tópicos, o autor situa-nos diante de aspectos sociais contundentes que refletem não apenas a conjuntura presente no cenário que retrata, mas também, de modo expressivo, as ideias em voga no contexto intelectual de sua época. A observação desses pontos nos faz perceber que a construção narrativa de Azevedo nos fornece grande material de análise para a observação atenta das dinâmicas em ocorrência ao longo de seu texto.

Com isso, nossa análise visa a abordagem crítica de alguns conceitos que podemos vislumbrar na obra a partir da apresentação dos personagens, suas caracterizações e transformações no decorrer do romance. Com isso, contextualizaremos a estruturação ternária dos três pés (ANTONIL, 1982) a fim de observar como a presença dos personagens negros, a questão da exploração e do enriquecimento estão dispostas na obra, bem como a alocação das ideias deterministas e sua importância na construção dos personagens.

## 1 O DETERMINISMO DOS PERSONAGENS POR MEIO DA TEMÁTICA DOS TRÊS PÊS

A estruturação ternária dos três pês – “*para o escravo são necessários três PPP, a saber, Pau, Pão e Pano*” (ANTONIL, 1982), muito contextualizada em *O cortiço*, é um conceito vindo de Antonil em sua obra *Cultura e Opulência*, que trata a questão da exploração e enriquecimento. A obra traz, em sua síntese, a utilização dos escravos no período colonial pelos senhores de engenho para obter maiores lucros por meio da produção açucareira. Além disso, apresenta como ponto de partida de sua análise uma dicotomia da colonização, cuja estruturação estaria ligada aos seguintes polos antitéticos: um dominante e explorador, e outro dominado e explorado.

Essa estruturação também é apresentada por Antonio Candido na obra *O discurso e a cidade*, lançado em 1993. Nela o autor relata, de forma minuciosa, o que significaria cada um desses elementos descritos. O pau estaria ligado aos castigos sofridos pelos escravos, o pano à vestimenta e o pão ao alimento; contudo, esse jogo de palavras traz um paralelismo entre aquilo que é próprio do homem e se estende ao animal e aquilo que é próprio do animal e acaba se estendendo ao homem. Este dito popular “*Pau, Pão e Pano*” não compara o homem ao animal de forma positiva, mas o nivela como um bicho que pode ser tratado nas mesmas condições; não se trata de uma visão ontológica, mas sim, de uma visão social, pois envolve a questão da exploração do trabalho humano – nesse caso, o negro escravizado – para acúmulo de riquezas.

Partindo desse pensamento de exploração, Candido nos apresenta diversos tipos de personagens que são influenciados por essas questões: o primeiro tipo é representado pelos portugueses, no qual podemos incluir João Romão, Miranda e Jerônimo. Todos esses personagens são “variedades do branco europeu, desprezado de maneira ambivalente pelo nativo, mas pronto para suplantá-lo e tornar-se o verdadeiro senhor, se conseguir ser agente no processo de espoliar e acumular” (CANDIDO, 1993, p. 117). O segundo tipo de personagem diz respeito aos negros e mestiços; nessa categoria, estariam incluídas Bertoleza, Rita Baiana e Pombinha, por exemplo. Por fim, o terceiro tipo, o qual segundo o crítico estaria relacionado à redução biológica de todos os homens em verdadeiros animais, ou seja, “a própria redução do homem à condição de besta de carga, explorada para formar o capital dos outros” (CANDIDO, 1993, p. 117). Nessa última categoria podemos incluir todos os personagens presentes na obra: brancos, negros e mulatos.



Segundo Candido (1993) esses três tipos de personagens supracitados estariam relacionados à categorização dentro do texto. O primeiro corresponderia ao explorador capitalista; o segundo, ao trabalhador reduzido a escravo; e o terceiro, ao homem socialmente alienado, rebaixado ao nível do animal.

No romance em questão, temos na figura de João Romão os indícios de um determinismo que modifica sua vida por completo ao longo da obra. Essas mudanças são evidenciadas no primeiro capítulo logo após o falecimento de seu patrão, um vendeiro que lhe deixou como pagamento uma taverna, com a qual deu início ao seu sonho de ascender socialmente e de mudar de vida.

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refochos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro. (AZEVEDO, 1997, p. 13)

Agora dono do seu próprio negócio, o rapaz se lança ao trabalho com desejo de enriquecer. Mesmo passando por duras privações, não tinha tempo para mais nada. Sua vida era o trabalho, tanto que dormia lá mesmo, em cima do balcão, tendo como travesseiro um saco de estopa de palha. Ele comprava a comida com uma vizinha chamada Bertoleza, uma negra trintona, muito trabalhadora; ela era escrava de um velho cego de Juiz de Fora, mas estava amigada a outro homem, um português que tinha uma carroça e fazia fretes na cidade. Quando esse homem morre, João Romão se compadece dela. Desamparada, Bertoleza começa a contar tudo o que lhe passara e pede para que o vendeiro guarde as economias que ela juntou para sua liberdade. Desse dia em diante, João Romão passa a tomar conta de tudo que ela tinha.

Os dois se tornam bastante íntimos e João Romão, pensando em explorá-la cada vez mais a fim de enriquecer, propõe a Bertoleza que eles morem juntos; ela concorda sem titubear.

Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua. (AZEVEDO, 1997, p. 14)

Aqui podemos ver nitidamente como era legítima essa oposição entre homem branco europeu, “raça superior” – aquele que obtém tanto o poder social quanto o econômico –

*versus* negro/mestiço brasileiro, “raça inferior” – aquele que não tem, às vezes, o direito de liberdade e que é explorado demasiadamente. Bertoleza, apesar de ser negra, não se relacionava – amorosamente – com nenhum outro negro. Queria apenas se relacionar com um homem de “raça superior”. Nessa parte do romance podemos notar de forma nítida quão grande é a supervalorização e influência de uma raça em detrimento de outra; Bertoleza, mesmo negra, não queria se juntar com outra pessoa da mesma raça.

Com a ambição de querer sempre mais, João Romão usa o dinheiro de Bertoleza em prol de seus objetivos: compra um terreno ao lado de sua venda, levanta uma casinha que servirá tanto de quitanda quanto de dormitório para ela. Alguns eventos ao longo da trama demonstram o desejo de posse cada vez mais forte no personagem, manifestado de forma expressiva na seguinte passagem, já que:

Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que no entanto gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo a moeda. (AZEVEDO, 1997, p. 20)

Sua ambição era tamanha que teve a ousadia de forjar uma carta de alforria para Bertoleza, dizendo que ela não teria mais dono. Com esse simples “gesto de carinho”, ele teria ainda mais sua confiança e ela ficaria despreocupada nos afazeres, trabalhando cada vez mais, dando-lhe apenas lucro e não preocupação. Agora, seu papel estaria completo ao lado dele: caixeira, criada e amante; era assim que ele a via.

Um ano depois dessa “parceria” e com os negócios indo bem, João arremata umas terras atrás de sua taverna e logo começa a construir três casinhas de porta e janela. Ele não sabia, mas ali estava começando sua “verdadeira” mudança de vida: aquelas casinhas se tornariam mais tarde o grande cortiço. Todavia, ninguém entendia como ele conseguiu construí-las tão rápido. O que pouca gente sabia é que o vendeiro furtava, com a ajuda da mulher, tudo que precisava para sua obra; durante o dia, observava as outras obras perto de sua casa e, à noite, roubava tudo o que precisava – tijolo, tábuas, pedra e telhas. O fato é que essas três casinhas deram início ao “nascimento” do cortiço de João Romão.

O enriquecimento do personagem João Romão nos faz atentar para alguns pontos presentes no contexto social e étnico-racial da obra. Portanto, para entendermos melhor como se deu esse processo de enriquecimento e sua utilização na narrativa, devemos nos ater a dois

fatores que corroboraram para tais acontecimentos, ampliando nossa perspectiva para observarmos os aspectos sociais presentes no texto literário. O primeiro foi a Revolução Industrial, que modificou a economia mundial no século XIX; a industrialização trouxe àquela sociedade uma nova forma de organização: a burguesia industrial e financeira e o proletariado. Esse período marca a transição de métodos de produção artesanais para a produção e fabricação de novos produtos utilizando as máquinas. Expulsos dos campos por elas e sem muita opção de emprego, os trabalhadores começam a lotar os centros urbanos, fator que foi preponderante para o crescimento das mazelas sociais – como a mendicância e a prostituição – nesses grandes centros.

O segundo fator foi a abolição da escravatura, ocorrida no Brasil em 1888. A sociedade já vivia, em seu contexto histórico, inserida nesse novo processo de industrialização, no qual o negro tinha uma função bem específica nessa sociedade: trabalhar exaustivamente em “troca” de comida e moradia dada pelo seu dono. Após longos períodos de lutas e conflitos pela libertação, os negros são libertos. Entretanto, de qual liberdade estamos falando se o negro não teve nenhum tipo de inserção nesse novo modelo de sociedade, nem foram criadas políticas para tal acontecimento? Essa sociedade não lhes garantia alguns direitos básicos como a economia e a segurança; eles ficaram totalmente responsáveis por suas vidas, seja para o sucesso ou fracasso. Portanto, sem essas condições básicas para prosseguir na vida, o negro não tinha condições de concorrer, em pé de igualdade e em mesmo nível social, com pessoas que sempre foram livres, fato que se revela até hoje presente na estrutura social de nosso país.

Os acontecimentos inseridos na narrativa são influenciados pelos conflitos em ocorrência no bojo de nossa sociedade, evidenciando a desigualdade social e racial presente no modo de vida da população brasileira.

No decorrer da história, temos a aparição de outra figura importante nesse romance: o português Miranda. Ele, assim como João Romão, também sofre mudanças relacionadas ao seu comportamento. Isso tudo se inicia quando esse bom negociante, como relata a história, compra um sobrado ao lado do vendeiro e muda-se com toda a família para lá, com a desculpa de que sua mulher, Estela, e sua filha, Zulmira, precisavam sair do cento da cidade.

Comprou-o um tal Miranda, negociante português, estabelecido na Rua do Hospício com uma loja de fazendas por atacado. Corrida uma limpeza geral no casarão, mudar-se-ia ele para lá com a família, pois que a mulher, Dona Estela, senhora pretensiosa e com fumaças de nobreza, já não podia suportar a residência no centro da cidade, e como também sua menina, a Zulmirinha, crescia muito pálida e precisava de largueza para enrijar e tomar corpo. (AZEVEDO, 1997, p. 16)

Entretanto, esse não era o verdadeiro motivo para tal mudança com urgência. Ele queria afastar sua mulher dos caixeiros, visto que ela o traía constantemente. Uma vez a pegou em flagrante delito, até pensou em matá-la, mas logo se lembrou de que tudo que tinha conquistado era oriundo do dote que adquiriu ao se casar com ela. Então, para não perder sua posição social – Barão de Freixal, título nobre conquistado por influência da esposa – e ficar pobre novamente, perdendo o controle de sua casa de comércio, Miranda acaba se sujeitando a essa situação problemática e aceitando os declínios extraconjugais de Estela.

Contudo, toma a seguinte decisão: a separação de leitos. Os dois dormiriam em quartos separados; ambos se odiavam, sentiam desprezo um pelo outro, até mesmo Zulmira, sua filha, era alvo desse repúdio. Pois sua mãe não a amava com instinto materno e seu pai a rejeitava por crer que ela não seria, de fato, sua filha.

O conflito sexual fica bastante evidente na exposição da relação entre o casal. Apesar de odiá-la, Miranda sentia-se cada vez mais atraído sexualmente por sua esposa, Estela; seu desprezo por ela só fazia aumentar seu desejo carnal, fazendo da esposa infiel uma espécie de fruto proibido. Certa noite, ele entra em seu quarto e a vê dormindo, até tenta hesitar, mas não consegue resistir à tentação de deitar-se com ela. Ela, por outro lado, finge que está dormindo e se deixa ser “usada” pelo marido. Estela sabia que mais cedo ou mais tarde ele a procuraria, pois era fraco para resistir a essas necessidades. No outro dia, Miranda se arrepende amargamente do que fez e jura que isso nunca mais acontecerá.

Na obra, há manifestado um grande interesse pelos instintos, principalmente o sexual, visto que eles são encarados como determinantes para o comportamento. Quando os personagens se deixam guiar pelos instintos, acabam sendo comparados aos animais, como podemos ver no texto em que Miranda procura sua mulher:

Miranda nunca a tivera, nem nunca a vira, assim tão violenta no prazer. Estranhou-a. Afigurou-se-lhe estar nos braços de uma amante apaixonada: descobriu nela o capitoso encanto com que nos embebedam as cortesãs amestradas na ciência do gozo venéreo. Descobriu-lhe no cheiro da pele e no cheiro dos cabelos perfumes que nunca lhe sentira; notou-lhe outro hálito, outro som nos gemidos e nos suspiros. E gozou-a, gozou-a loucamente, com delírio, com verdadeira satisfação de animal no cio. (AZEVEDO, 1997, p. 18)

Mesmo depois disso, Estela – mulher leviana e pretensiosa – continuava a trair seu marido (e tudo isso acontecia dentro da sua casa). Ela, levada por seus instintos sexuais, assim como seu marido, tem seus desejos carnis atendidos por Henrique, um jovem estudante que morava – a pedido de seu pai – na casa de Miranda. Tudo isso era acobertado

por Botelho, um velho de quase setenta anos que também morava nessa casa, o qual achava a situação totalmente natural, já que a traição dela era justificada pela insatisfação com o marido, como explicitado no seguinte trecho:

[...] acho isso a coisa mais natural do mundo e entendo que desta vida a gente só leva o que come! [...] Se vi, creia, foi como se nada visse, porque nada tenho a cheirar com a vida de cada um! [...] A senhora está moça, está na força dos anos; seu marido não a satisfaz, é justo que o substitua por outro! Ah! isto é, o mundo, e, se é torto, não fomos nós que o fizemos torto! [...] Até certa idade todos temos dentro um bichinho carpinteiro, que é preciso matar, antes que ele nos mate! Não lhes doam as mãos! [...] apenas acho que, para outra vez, devem ter um pouquinho mais de cuidado e ... (AZEVEDO, 1997, p. 28)

Vemos que Estela menospreza o marido e não tem nenhum tipo de consideração por ele. Inclusive, se pudesse, viveria sem ele. No entanto, isso era algo impensável para uma época como essa, em que uma mulher de família precisava ser honrada, prendada, do lar e com bons costumes, características que fogem, e muito, dessa personagem astuta, sem modos e sem índole, como observamos a partir das descrições de Azevedo. Entretanto, seu comportamento também estaria ligado à falta de atenção do marido que, tal qual João Romão, estava mais preocupado com os negócios do que com outras coisas. No caso de Miranda, “[...] os sérios interesses comerciais estavam acima de tudo.” (AZEVEDO, 1997, p. 27), inclusive de sua mulher.

Outro aspecto evidenciado no romance é a inveja que Miranda tem do seu compatriota João Romão:

Tinha inveja do outro, daquele outro português que fizera fortuna, sem precisar roer nenhum chifre; daquele outro que, para ser mais rico três vezes do que ele, não teve de casar com a filha do patrão ou com a bastarda de algum fazendeiro freguês da casa! [...] Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse é que havia de ser a vida! [...] Filho da mãe, que estava hoje tão livre e desembaraçado como no dia em que chegou da terra sem um vintém de seu! esse, sim, que era moço e podia ainda gozar muito, porque, quando mesmo viesse a casar e a mulher lhe saísse uma outra Estela, era só mandá-la para o diabo com um pontapé! Podia fazê-lo! Para esse é que era o Brasil. (AZEVEDO, 1997, p. 23 e 24)

Miranda queixava-se de não ter nada, pois tudo o que possuía estava relacionado a um casamento frustrante conseguido apenas para benefício próprio. Não obstante, o que ele não sabia é que a inclusão nessa classe social, dita como superior, custar-lhe-ia muito caro. Ele precisou se rebaixar à sua mulher, pois, sem ela, perderia a sua posição social prestigiada. Em razão disso, tinha inveja de João Romão, uma vez que tudo que ele conquistou foi devido ao suor do seu trabalho e não oriundo de um dote. Para Miranda, João era um homem feliz, pois estava livre para fazer o que bem entendia da vida, não dependia de ninguém, era dono

de si, diferente dele, que estava amarrado a essa situação humilhante a que sua mulher lhe submetia.

Em meio a este cenário turbulento, surge Jerônimo. Ele é um dos personagens que mais sofre a influência do meio social. Logo que chega ao cortiço, se oferece para trabalhar na pedreira de João Romão, o qual, observando seu empenho e determinação, viu que poderia lucrar mais ainda sem ter muitos desperdícios, decidindo, por isso, dar-lhe uma oportunidade:

– Duvido que prestem! Aposto a mão direita em como o senhor não encontra por cinquenta mil-réis quem dirija a broca, pese a pólvora e lasque fogo, sem lhe estragar a pedra e sem fazer desastres! – Sim, mas setenta mil-réis é um ordenado impossível! – Nesse caso vou como vim... Fica o dito por não dito! – Setenta mil-réis é muito dinheiro!... – Cá por mim, entendo que vale a pena pagar mais um pouco a um trabalhador bom, do que estar a sofrer desastres, como o que sofreu sua pedreira a semana passada! Não falando na vida do pobre de Cristo que ficou debaixo da pedra! (AZEVEDO, 1997, p. 38 e 39)

Ele é casado com Piedade e tem uma filha chamada Senhorinha; trabalhador obstinado, dedicado e comprometido:

Jerônimo acordava todos os dias às quatro horas da manhã, fazia antes dos outros a sua lavagem à bica do pátio[...]. A sua picareta era para os companheiros o toque de reunir. Aquela ferramenta movida por um pulso de Hércules valia bem os clarins de um regimento tocando alvorada. (AZEVEDO, 1997, p. 47)

Diferentemente de João Romão, que teve uma trajetória de ascensão, Jerônimo, um exemplar pai de família, vê sua vida mudar drasticamente após conhecer Rita Baiana, uma mulata sensual e provocante, como perceberemos a seguir em suas caracterizações. Isso aconteceu numa tarde de domingo muito animada, numa roda de samba acaloradíssima na qual Rita dançava e encantava a todos, principalmente a Jerônimo; ele via que:

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sextas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traíçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca. (AZEVEDO, 1997, p. 63)

Tudo em Rita chamava a atenção de Jerônimo: seu cheiro, sua voz, seu rebolado; ela era a principal responsável pela mudança de seu comportamento, que foi se transformando de forma lenta, mas gradativa: de excelente trabalhador, passa a ser preguiçoso, acomodado e sem responsabilidades. A cada dia que se passava, se distanciava de seus hábitos e paladares lusitanos, tornando-se cada vez mais “abrasileirado”; virou um verdadeiro malandro, despreocupado com tudo o que acontecia a sua volta. Essa influência do meio sobre a raça, escrita por Renato Ortiz (1994), no capítulo chamado *Da raça à cultura: mestiçagem e o nacional* são apontados da seguinte forma:

O destino que Aluísio Azevedo reserva a um dos personagens centrais da trama literária, Jerônimo, é exemplar. Jerônimo, imigrante português, chega ao Brasil com todos os atributos conferidos a raça branca: força, persistência, previdência, gosto pelo trabalho, espírito de cálculo. Sua inspiração básica: subir na vida. Porém, ao se amasiar com uma mulata (Rita Baiana), ao se ‘aclimatar’ ao país (troca a guitarra pelo violão baiano, o fado pelo samba) ele se abre para a cultura brasileira, isto é, torna-se dengoso, preguiçoso, amigo das extravagâncias, sem espírito de luta, de economia e ordem. (ORTIZ, 1994, p. 39)

Esse abrasileiramento também é descrito por Candido quando ele aponta que essa mudança de comportamento é expressamente marcada pela perda do “espírito da economia e da ordem”, da “esperança de enriquecer” (AZEVEDO, 1997, p. 150). Antes de conhecer Rita, era tido por todos como um homem sensato e organizado nas suas finanças, mas agora, envolvido pela sensualidade da mulata, prefere gastar seu tempo e dinheiro com os prazeres carnavais do que com a lida do trabalho; seu comportamento torna-se mais emocional do que racional.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abre-se para a cultura brasileira. [...] A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa; a carne-seca e o feijão-preto ao bacalhau com batatas e cebolas cozidas; a pimenta-malagueta e a pimenta-de-cheiro invadiram vitoriosamente a sua mesa; o caldo verde, a açorda e o caldo de unto foram repelidos pelos ruivos e gostosos quitutes baianos, pela muqueca, pelo vatapá e pelo caruru; a couve à mineira destronou a couve à portuguesa; o pirão de fubá ao pão de rala, e, desde que o café encheu a casa com o seu aroma quente [...] (AZEVEDO, 1997, p. 75)

O trecho supracitado apresenta a progressão nos hábitos do personagem e nos revela a ambientação do português, apresentando as mudanças tanto na alimentação quanto na cultura. Jerônimo adota a cultura da mestiça Rita Baiana. Com isso, segundo Candido, ele perde a possibilidade de dominá-la, porque deixou quebrar a relação de possuidor e coisa possuída e acabou se igualando a ela. Para o imigrante, ser brasileiro está relacionado a fazer

parte dessa massa dominada, a qual não dispõe de direitos e privilégios. Candido (1993) também relata que este processo de mudança está descrito pelo romancista como processo natural de envolvimento e queda, no qual a natureza do país funciona como força perigosa, encarnada figuradamente em Rita. Ou seja, quando o português é tomado pelas sensações do meio e cede às atrações da terra, demonstra-nos esse forte determinismo que há entre o meio e a raça. Outra questão que se insere no tema do abasileiramento é a de cunho social, pois os negros e mestiços daquela sociedade eram menosprezados e desprestigiados, diferente da raça branca que se autointitulava superior.

No início do romance Jerônimo ocupa a mesma posição social que João Romão outro português que participava também das qualidades étnicas da raça branca. É bem verdade que Aluísio apresenta João Romão com grande desprezo; ele não se deixa seduzir pelo caráter alegre e sensual do mulato brasileiro. No entanto, o desfecho do romance é parabólico. João Romão calculista e ambicioso; ascende socialmente no momento em que se distancia da raça negra (ele se desvencilha da negra Bertoleza, com quem viveu grande parte da sua vida). Jerônimo, ao se abasileirar, não consegue vencer a barreira de classe, e permanece “mulato”, junto a população mestiça do cortiço. (ORTIZ, 1994, p. 39)

Jerônimo não consegue garantir essa posição de superioridade; pelo contrário, ele é guiado pela sensualidade da mulata Rita Baiana e, em vez de tentar transformá-la, elevando-a a outro nível social, o que acontece é algo inverso ao esperado: é o português que sofre influência do meio e torna-se mais um membro da classe inferior. Em contrapartida, o outro português, João Romão, embora tenha se relacionado com Bertoleza e trabalhado duro todos os dias como muitos nativos, nunca abandonou sua posição de superioridade, já que exercia e mantinha sua função de dominador diante da “classe inferior”.

Em suma, aqueles que estão destinados à inferioridade trabalham apenas pela própria sobrevivência e dificilmente chegarão às classes mais elevadas, pois são tidos como objetos de exploração da raça superior. Por sua vez, os representantes da classe superior, mesmo que estejam sujeitos aos trabalhos pesados, têm a possibilidade de melhoria de vida através de ganhos de capitais obtidos por meio de mão de obra escrava ou barata. Com isso, conseguimos visualizar as categorias que Candido (1993) nos apresenta, a do “homem socialmente alienado, rebaixado ao nível do animal”.



## 2 A REPRESENTAÇÃO DOS NEGROS NA TRAMA

A obra *O Cortiço* está impregnada da atmosfera intelectual e política da época, na qual a figura do negro era vista de forma rechaçada. Esse determinado grupo de indivíduos seria, pela classe dominante, incapaz de viver civilizadamente na sociedade. Essa visão é percebida na afirmação de Schwarcz (1993):

Ao branco, cabia representar o papel do elemento civilizador. Ao índio, era necessário restituir sua dignidade original ajudando-o a galgar os degraus da civilização. Ao negro, [...] restava o espaço da detração, uma vez que era entendido como fator de impedimento ao progresso da nação: ‘Não há dúvida que o Brasil teria tido’, diz Von Martius, ‘uma evolução muito diferente sem a introdução dos míseros escravos negros’. (SCHWARCZ, 1993, p. 112)

O trecho supracitado demonstra um enorme repúdio à figura do negro, sobretudo se pensarmos como ele é visto pela sociedade dominante. Esse fato é bastante marcante, de tal maneira que o autor relata que a evolução do país poderia ocorrer de modo diferente sem a presença do negro nela. Essa ideologia de inferioridade estava tão presente na sociedade brasileira da época, que Azevedo não pôde deixar de retratá-la em sua obra. A violência simbólica a qual esse grupo está submetido está relacionada, na maioria dos casos, à cor de sua pele, ou seja, à sua negritude, sua principal marca e, conseqüentemente, sua “identidade”, como nas caracterizações a seguir: “a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego;/ Marciana que, com o seu tipo de mulata velha;/ Valentim, filho de uma escrava que foi de Dona Estela;/uma negrinha virgem, chamada Leonor” (AZEVEDO, 1997).

Observando esses exemplos podemos perceber que todos os personagens descritos anteriormente são identificados por sua cor de pele, seguidos de uma característica que a evidencie. Essa classificação nos remete ao modo pejorativo como o negro é visto, tanto na sociedade quanto na literatura, tendo em vista que a maneira como eles são identificados nos limita e direciona ao pensamento de que são pessoas simples, pobres e sem nenhuma instrução.

Partindo da importância das caracterizações na obra de Azevedo, analisaremos a figura de Bertoleza, uma das principais personagens negras desse romance. Apesar de não se destacar tanto como o seu “companheiro” João Romão, ela foi de fundamental importância para que ele viesse a alcançar seus objetivos: sua lealdade e sua destreza nos afazeres domésticos chamaram a atenção do português que vislumbrou na escrava a oportunidade de

ganhar mais dinheiro; por isso, acaba se envolvendo com ela, vendo na companheira um tríplice papel:

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas [...]. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem [...] (AZEVEDO, 1997, p. 15)

Bertoleza é uma personagem que não tem muita voz na narrativa; apesar de participar efetivamente do crescimento pessoal de João, ela não possui nenhum valor para ele a não ser o do trabalho. Contudo, estar ajuntada com um homem branco, ou seja, visto por ela como dominador, lhe dava uma “falsa” sensação de liberdade. E foi por conta dessa sensação de liberdade forjada por João, que fingiu tê-la alforriado, que a escreva se apegou e começou a trabalhar de sol a sol ajudando-o a conseguir tudo o que queria.

Outro aspecto importante que nos leva a observar atentamente o comportamento de trabalho excessivo feito por Bertoleza é a visão que Rufino dos Santos (2000) tem sobre isso. Segundo ele, o negro daquela sociedade, para ser “aprovado”, deveria trabalhar de forma impecável para provar que não era vagabundo ou delinquente, estando o negro pobre frequentemente sob tal suspeita. A visão de inferioridade do negro foi alicerçada pela sociedade escravista, como também nos aponta Freyre (1961), e essa postura se exprime nas ações de Bertoleza.

Para a sociedade escravocrata, os escravos não passavam de um instrumento para medir a fortuna do setor agrário, posto que se exigia uma significativa quantia de crédito para adquiri-los. Nesse sentido, cabia ao senhor da casa-grande zelar pela durabilidade de seu mais precioso bem, do ponto de vista econômico. Apesar de João não ser seu verdadeiro “dono”, ela se apegou a essa máxima na expectativa de uma melhoria de vida. Ele dava-lhe comida e abrigo, e Bertoleza, por estar perdida e lançada à própria sorte, não tinha outra opção a não ser aceitar as condições de seu agora “senhor”, sem reclamar os seus direitos e condições de trabalho:

[...] chorava em segredo, sem ânimo de reclamar os seus direitos. Na sua obscura condição de animal de trabalho, já não era amor o que a mísera desejava, era somente confiança no amparo da sua velhice quando de todo lhe faltassem as forças para ganhar a vida. E contentava-se em suspirar no meio de grandes silêncios

durante o serviço de todo o dia, covarde e resignada, como seus pais que a deixaram nascer e crescer no cativoiro. (AZEVEDO, 1997, p. 148)

A escrava nunca reclamava de nada. Como mencionado anteriormente, ela não tinha voz, era covarde e tinha receio de ficar abandonada. Nesse sentido, Bertoleza representa os indivíduos que ganharam a liberdade, mas não sabiam usufruí-la, pois não foram “criados” para desfrutá-la. Apesar de todo seu esforço em ajudar João, ela é abandonada pelo simples fato de que sua negritude estava impedindo-o de galgar novos objetivos de vida dos quais a escrava não fazia parte. Por isso, ele traça um plano para poder abandoná-la e assim conquistar o que havia pensado.

Outra figura marcante dessa trama é a mulata Rita Baiana, personagem que representa a escola naturalista brasileira, pois, em todo o romance, ela é comandada pelos seus instintos biológicos. A descrição estética de Rita feita por Azevedo é excepcional: ela tinha a cabeleira crespa e reluzente que respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas; possuía dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia; além disso, era dona de um rebolado contagiante e atrevido e de um rígido quadril baiano. Sua caracterização é bastante eficaz e evidencia a construção de sua personagem em suas aparições na trama, como na seguinte cena:

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, titilando. (AZEVEDO, 1997, p. 62)

Em *O cortiço*, Rita é caracterizada por sua sensualidade, seu vigor físico e seu cuidado com o corpo. Através dela, podemos identificar diversas características culturais que marcam a identidade brasileira. A visão naturalista de Aluísio Azevedo era divulgada, por meio de sua obra, os costumes populares da cultura negra daquela época. Seu apreço pela musicalidade, pela dança, pela comida e pela bebida são marcas dessa identidade nacional exposta por meio dessa mulata ao longo da trama.

O modo de vida que Rita Baiana leva é totalmente inverso ao da cultura elitista da sociedade brasileira daquele período, que arbitrava sobre tudo que deveria ser feito e apreciado. Ela se apega à cultura popular, visto que trabalha de forma a resistir moralmente

a esses valores, fazendo-se valer apenas das possibilidades concretas do seu cotidiano. A mulata aparece como símbolo contrário ao sistema capitalista daquela época, pois não tinha apego ao dinheiro ou a bens materiais; ela não tinha, como vimos anteriormente em outros personagens, a pretensão de enriquecer – como João –, ou até mesmo alcançar, por intermédio de outros, uma posição social – como Miranda. Seu trabalho está ligado única e exclusivamente às suas condições de sobrevivência.

Ainda assim não é má criatura... Tirante o defeito da vadiagem... - Bom coração tem ela, até demais, que não guarda um vintém pro dia de amanhã. Parece que o dinheiro lhe faz comichão no corpo! - Depois é que são elas!... O João Romão já lhe não fia! - Pois olhe que a Rita lhe tem enchido bem as mãos; quando ela tem dinheiro é porque o gasta mesmo! (AZEVEDO, 1997, p. 36)

No trecho acima notamos a percepção que alguns moradores do cortiço têm em relação ao comportamento da mulata. Rita é vista como uma mulher que só vive de vadiagem. O termo vadio aqui colocado está relacionado à classificação que um sujeito adquiria quando não desempenhava nenhum tipo de função ou não exercia uma profissão. Como podemos ver, esse não é o caso da mulata, pois tinha o serviço de lavadeira. Contudo, sua forma de agir era notada pelas pessoas que lhe cercavam, pois jamais deixava de se divertir para ter de trabalhar: “Aquele não endireita mais!... Parece que tem fogo no rabo! Pode haver o serviço que houver, aparecendo pagode, vai tudo pro lado!” (AZEVEDO, 1997, p. 36). Rita não estava preocupada com o trabalho porque sempre recebia algum dinheiro, seja dos amantes que tinha, seja de um serviço que fazia. Ainda que seja perceptível que os outros personagens julgam-na por suas atitudes e por seu modo de viver, temos a convicção de que a vida da personagem não se baseia pela ótica da produtividade, mas sim pela vadiagem convicta de seus instintos.

Outra questão que fica exposta a partir dessa personagem é a sua oposição em relação ao casamento. Para a sociedade brasileira da época o casamento era visto como uma obrigação social, cabendo ao marido ser o responsável pelo sustento do lar. Já a mulher não tinha vez, ou seja, ela não tinha condições financeiras de se manter. Por isso, muitas se viam obrigadas a se submeterem a casamentos falidos, mas que eram necessários para o convívio, uma vez que a separação naquele período significaria abandono, fracasso e, conseqüentemente, uma vida de perdição. Para Rita, tudo isso não importava. O que importava mesmo era ser dona de si, dona de seu próprio dinheiro, independente da forma como iria obtê-lo. No seu pensamento, a mulher não deveria ter apego ao sentimentalismo, considerando que tal característica traz uma espécie de dominação imposta pela cultura

patriarcal. Segundo o pensamento de Rita, feliz era a mulher que guardava o seu amor para si mesma, visto que estas eram mais livres do que as mulheres casadas.

A dicotomia de pensamentos acerca do casamento surge no enredo por meio da figura de Pombinha – filha da dona Isabel e noiva de João da Costa –, que acreditava fielmente nessa ideologia burguesa, de tal maneira que, desde nova, foi educada e instruída para tal acontecimento. A jovem era muito estimada por todos n’*O cortiço*, pois era a responsável por escrever as cartas para os moradores que ali habitavam.

Numa pequena mesa, coberta por um pedaço de chita, com o tinteiro ao lado da caixinha de papel, a menina escrevia, enquanto o dono ou dona da carta ditava em voz alta o que queria mandar dizer à família. ou a algum mau devedor de roupa lavada. E ia lançando tudo no papel, apenas com algumas ligeiras modificações, para melhor, no modo de exprimir a idéia. Pronta uma carta, sobrescritava-a, entregava-a ao dono e chamava por outro, ficando a sós com um de cada vez, pois que nenhum deles queria dar o seu recado em presença de mais ninguém senão de Pombinha. De sorte que a pobre rapariga ia acumulando no seu coração de donzela toda a súpula daquelas paixões e daqueles ressentimentos, às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro em dias de grande calor. (AZEVEDO, 1997, p. 53)

E por ajudar a todos na elaboração de suas cartas foi que Pombinha acabou sendo influenciada pelo meio, pois observava todas as intimidades e angústias de cada morador. À medida que se depara com inúmeras histórias de vida, ela começa a mudar seu comportamento, deixando de lado certos valores que até então eram considerados imutáveis, passando a ser uma mulher persuasiva. Essa contraposição de visões de mundo, apresentada por intermédio desses conflitos, representa como tais aspectos determinam as concepções dos indivíduos, corroborando ainda mais com a presença e influência do determinismo na obra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O cortiço* foi o romance brasileiro que apresentou de forma singular os diversos personagens marginalizados pela sociedade brasileira: operários, lavadeiras, “capoeiristas”, prostitutas, etc. A obra relata com clareza de detalhes todos os acontecimentos vividos no final do século XIX. Na análise em questão, observamos inicialmente a presença dos personagens a partir da perspectiva teórica esboçada por Antonil (1982) e em seguida retomada por Antonio Candido (1993): a estruturação ternária dos três pês. A partir dela pudemos problematizar a presença do negro na obra, analisando seu contexto de exploração e, sobretudo, sua influência enquanto ser dominado para a ascensão do homem branco – exemplo notável na categorização da personagem Bertoleza dentro do texto.

Avançamos, em seguida, na análise das transformações pelas quais passam os personagens principais: João Romão e Jerônimo, além de muitos outros que enriquecem a obra. O primeiro simboliza a ascensão da burguesia, apresentado inicialmente como um trabalhador, sem nenhum tipo de luxo e riqueza. Ao final da trama, porém, o português alcança seus objetivos, conquista seu título de nobreza e, com isso, é inserido na alta sociedade burguesa; seu comportamento muda à medida que os acontecimentos vão se desenvolvendo.

Em contrapartida, o segundo representa o proletariado imigrante que chega em busca de trabalho; todavia, ao conhecer Rita Baiana, apaixona-se e, a partir disso, tem seu destino mudado. Ele deixa de lado o *status* de homem trabalhador, digno e honesto, e passa a ser reconhecido como alcoólatra, adúltero e assassino. Isso comprova que ambos os personagens foram influenciados pelo meio, confirmando a existência do determinismo social na obra.

É importante salientar que no caso do personagem João Romão conseguimos corroborar a presença do determinismo não apenas em sua construção e desenvolvimento ao longo da trama, mas também em sua alocação como capitalista explorador que usufrui da raça inferior (sua relação com Bertoleza) para progredir socialmente, confirmando nossas apostas de análise da obra.

Ainda no que diz respeito ao determinismo, outra personagem que também comprova sua existência na obra é Pombinha, pois enxerga a realização do casamento como uma das formas de ascensão social. A educação recebida por seus pais era pura e simplesmente voltada para a vida conjugal, uma educação tipicamente burguesa. Temos, na representação de Pombinha, a confirmação de um ideal burguês: a mulher é criada exclusivamente para o casamento. Entretanto, essa visão de mulher estereotipada é revertida quando ela começa a

ser influenciada por sua madrinha, Léonie, uma prostituta de luxo que representava, de certa maneira, a mulher pervertida, impura, excluída do convívio social por ser vista como contaminadora dos “bons costumes”. Em suma, Pombinha “se encontra” na promiscuidade, deixa de ser uma mulher frágil e doente, como no início da obra, e torna-se uma mulher feliz e cheia de vida. Há, aqui, outro determinismo: o ideal.

Já Rita Baiana, personagem mais naturalista de todas, representa de forma primorosa esse determinismo na obra, pois é condicionada a todo tempo por seus instintos biológicos. Sua personagem é impulsionada, por vezes, pelos desejos sexuais, os quais ultrapassam sua capacidade racional de controlá-los.

Ademais, não podemos nos esquecer de um dos mais importantes personagens da obra: o cortiço. Ele é, na prática, o ser, o ambiente que transforma, molda e condiciona os padrões individuais e sociais. Nele, há a materialização de uma identidade coletiva que representa de maneira determinante a influência do meio.

Logo, podemos concluir que além de demonstrar que a obra naturalista representa uma alegoria do Brasil daquela época, o texto de Aluísio Azevedo se propõe a provar como os romancistas queriam demonstrar, por meio da literatura, o determinismo estruturado por Taine, que parte do princípio de que o comportamento humano é determinado por três aspectos básicos: meio, raça e momento histórico, e que esses aspectos levam o homem à degradação. Essa degeneração é confirmada na construção das personagens e em seus comportamentos muito bem urdidos dentro da obra.

Como já dito, o autor desse livro não se propõe a solucionar os problemas da sociedade, mas sabe colocá-los em suas verdadeiras dimensões, aspecto que assinala a importância da obra para a literatura brasileira.

## REFERÊNCIAS

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. 3. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil)

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à filosofia*. 3 Ed. São Paulo: Moderna, 2003.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Klick, 1997 (Coleção O globo).

CANDIDO, Antônio. O mundo sem culpa. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1961.

GARRARD, Greg. Animal. In: *Ecocrítica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. p. 192-224.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RONECKER, Jean-Paul. O homem e o animal. In: *O simbolismo animal: mitos, crenças, lendas, arquétipos, folclore, imaginário*. São Paulo: Paulus, 1997.

SANTOS, Joel Rufino dos. Os pobres. In: *Épuras do social: como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia de Letras, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ZOLA, Émile Édouard Charles Antoine. *Romance Experimental e naturalismo no teatro*. Introdução, Tradução e Notas de Italo Caroni e Célia Berrettini. 1ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 1982.